

Fernando de Azevedo

Maria Luiza PENNA MOREIRA*

RESUMO: O artigo examina a ambiguidade e o caráter pioneiro do pensamento e da atuação de Fernando de Azevedo, no contexto de uma realidade em mudança - industrialização incipiente, Revolução de 30, Estado Novo, redemocratização. Discute a possibilidade da educação como fator de transformação na visão do sociólogo educador, que procurou romper velhas tradições em busca da modernização, convencido de que a revolução de mentalidades pela educação é o passo mais importante para a mudança de estruturas.

PALAVRAS-CHAVE: educação; transformação; democratização; reconstrução nacional.

A injustiça social não está representada apenas pelo sistema feudal da posse da terra, pela falta de equilíbrio na divisão de bens e pelo desequilíbrio na distribuição dos ônus fiscais, mas também pela desigualdade na repartição dos bens espirituais e intelectuais do ensino, da educação e da cultura.

(In: *Fernando de Azevedo: Verdades Amargas*)

Fernando de Azevedo ocupa lugar de destaque na história da educação no Brasil por sua sistemática reflexão sobre as relações entre educação e mudança social.

Objeto de condenação sumária por críticas tanto à direita quanto à esquerda, Fernando de Azevedo, por suas idéias e por sua ação, esteve adiante da maioria dos educadores do seu tempo, levantando as bandeiras históricas da

* Formada pela UFRJ, pós-graduada pela PUC/RJ em Filosofia.

burguesia progressista e liberal. Atualíssimas são as suas indagações sobre a natureza e finalidades da educação em um Brasil em processo de transformação e inserção no modo de produção capitalista como nação periférica e dependente. O sociólogo educador teve de enfrentar a oposição daquela parte da *intelligentsia* que persiste, via de regra, em operar com ideologias incompatíveis com o capital industrial.

Ao pensar um projeto de reconstrução nacional, viu na democratização da educação um meio eficaz para alcançar tal fim. As transformações, entretanto, seriam de dois níveis. Uma, interna, do próprio sistema educacional, transformação essa que deveria resultar da íntima ligação da escola com o meio social e não apenas burocrático-administrativa.

Por outro lado, Fernando de Azevedo percebe que sem uma modificação no mecanismo ou sistema econômico, que reside à base de toda política de planejamento social - no qual inclui a educação - uma obra educacional não tem possibilidade de ser eficaz. Não há, de fato, saber (ou virtude) sem um mínimo de condições materiais. Por isso pensa a educação como problema político e, em última análise, filosófico e ético. O tema, portanto, leva a várias interrogações, como todos os temas filosóficos.

Parece difícil estudar Fernando de Azevedo sem ser sensível ao fato de que ele abordou de maneira criativa problemas candentes da realidade educacional brasileira, exercendo uma liderança rara nesse campo, feita ao mesmo tempo de inteligência e coragem e mantendo, ao longo dos anos, fidelidade a seus ideais e às instituições. Foi, por isso, nas palavras do Professor Antonio Candido de Mello e Souza, "a viga mestra da Universidade de São Paulo". Abridor de caminhos, seu pensamento não é apenas o de um homem que se quis filósofo da educação, mas o de um reformador que tentou transformar suas idéias em ação. Caminho original, percorrido provavelmente ao preço de extrema tensão interior, o deste visionário, cujas ambiguidades são talvez inerentes a uma época de transição, marcada por contradições.

Ao pensar a possibilidade da educação como fator de transformação, suas idéias conduzem a questões importantes, como a da educação das massas e formação das elites, seu papel, a questão dos vínculos entre educação e sociedade, a ação recíproca de uma sobre a outra, a correlação entre a pedagogia clássica e o velho humanismo, e deste, enfim, com o que qualificou de neo-humanismo. Superou, assim, o tabu do humanismo clássico ao reorientá-lo em direção a um neo-humanismo pedagógico que preparasse a mulher e o homem brasileiros a dar uma contribuição social eficaz e transformadora e ao introduzir na sua visão do humano a idéia de progresso. Tem, sob esse último aspecto, a visão otimista do século XIX, achando que o conhecimento científico levaria a uma mudança, para melhor, da realidade, e a uma modificação adequada das realizações sociais, rumo ao socialismo e aos grandes ideais humanitários. Nessa perspectiva confere às universidades uma função importante de coração cultural do país, centros irradiadores do verdadeiro humanismo, feito de espírito científico, de reflexão, exame e crítica constantes, na vanguarda do processo social brasileiro.

Está-se diante de um pensamento extremamente complexo, não só pelo alcance das questões tratadas, mas também pelos sucessivos contextos históricos que servem de pano de fundo a seu pensamento. Por isso suas idéias não são nunca estáticas e seu evoluir comporta inúmeras revisões, realizando-se através de processos, caminhos e atalhos. Não por acaso inúmeros livros e artigos têm como título principal a palavra caminho. Pensá-lo será, no caso, ver de que se trata, que conceitos foram revistos, as lacunas, as oposições e interpenetrações possíveis entre esses conceitos.

Intelectual de uma época de transição, seu pensamento reflete, em muitos pontos, a ambiguidade de nossa realidade em mudança - industrialização incipiente, Revolução de 30, estabelecimento do Estado Novo, seu término em 1945, ao findar a Segunda Guerra Mundial - mas também as contradições de um mundo em que surgiam regimes totalitários onde predominavam a força e o arbítrio. Nessas condições procurou pensar o Brasil com os instrumentos e categorias que lhe pareceram mais adequadas e com os quais realizou uma

tomada de consciência da realidade educacional brasileira, suas especificidades, tendências, conflitos e necessidades. A sua produção intelectual mais importante situa-se entre 1926 e meados da década de sessenta. Por isso a obra de Fernando de Azevedo não apresenta aquela unidade de concepção, própria das categorizações sistemáticas, perceptíveis facilmente em uma superfície lisa e inteira. Espelho que se partiu, mostra, reconstituído nos seus inumeráveis pedaços de formas e cores variadas, as idéias, vontades e aspirações do momento em que viveu seu autor e sua tomada de posição.

A época tudo admite: são as grandes idéias em educação, é a visão megalópica, global, da sociedade brasileira e seus problemas, é o tempo da ortopedia pedagógica, física e espiritual (o culto da energia), os dispositivos mais diversos, a visão em grande, a marcha para o oeste, o avanço, o esforço de territorialização, o estrangulamento das diferenças, das visões "unilaterais", o Estado, grande demiurgo, pater omnipotens, fortalecendo-se em função dos conceitos de coesão e unidade nacionais.

Situado entre duas épocas - a das velhas tradições, que procurou romper - e a que se iniciou com a entrada do Brasil em um novo processo de modernização, após a Primeira Guerra Mundial e que coincide com o começo de sua carreira, na administração do ensino no Distrito Federal, em 1928 - Fernando de Azevedo foi fiel à idéia de que uma revolução de mentalidades é o passo mais importante para uma mudança de estruturas. Para isso muito contribuiu sua visão simultaneamente sintética, megalópica, como dizia, do Brasil, e analítica, na medida em que estava consciente das diferenças e contradições que o país apresentava e que se mostravam também na educação, processo por excelência de transmissão ideológica. Não lhe escapou que transformações na área da educação dificilmente ultrapassam determinado limite porque há formas de controle ideológico, sutis e indiretas, mas não menos eficazes, sobre a escola. Uma delas é a de distanciar a escola dos cenários sociais onde se insere. Apesar disso, ou talvez por causa disso, preocupou-se, desde moço, com os problemas sociais, acreditando até o fim

de sua vida "por necessidade e reflexão" que o mundo caminhava para sua progressiva socialização.

Não achou impossível, republicano e liberal, uma conciliação da justiça social com a liberdade, do socialismo com as idéias e instituições democráticas: nessa conciliação deverão concentra-se todos os seus esforços. De um racionalismo radical, procurou pensar cada um dos problemas que lhe pareciam essenciais de modo completo, relacionando tudo com tudo, não omitindo quaisquer aspectos das questões educacionais do seu tempo.

Tendo tido uma formação clássica - estudou, depois do ginásio jesuíta em Friburgo, cinco anos no Seminário da mesma ordem, em Campanha, Minas Gerais - dedicou os primeiros anos de sua vida profissional ao ensino da literatura, do latim e ao jornalismo, com especial ênfase nos assuntos literários. Enveredou, porém, como auto-didata, pelos caminhos da sociologia e dos problemas da educação por sentir que eram de maior urgência para o Brasil. Não por acaso, um dos seus primeiros livros, No tempo de Petrólio, já revela talento e sensibilidade sociológica para analisar uma época de decadência e perda de valores. Como os antigos gregos, Fernando de Azevedo não pensou a educação como arte formal ou teoria abstrata apenas, mas como algo imanente à própria estrutura histórica e objetiva da vida espiritual de uma nação, manifestando-se de modo exemplar na literatura, expressão real de toda a cultura.

Paradoxalmente, esse crítico literário de estilo clássico, muitas vezes retórico, retratista exímio, não modernista, será um opositor feroz da clássica escola burguesa, cujo ensino considerava elitista, fazedora de bacharéis e letrados. Seu sonho será a realização de um uma Grécia clássica nova, à la Lunatcharsky, um novo humanismo. Trata-se de "um antropocentrismo refletido, que partindo do conhecimento do homem tem por objeto a valorização do homem": tudo o que desperta o sentimento de solidariedade humana e concorre para facilitar a circulação do homem no mundo humano. Não é uma negação dogmática do passado, mas processo de recuperação crítica, ligação entre passado e presente,

timebinder, mas também gerador do futuro em um esforço para o universal e a verdade.

Assim se delinea a atitude que parece mais característica de Fernando de Azevedo. Não sem razão a Alegoria da Caverna de Platão é, ao mesmo tempo, um discurso sobre "a essência da educação (e da deseducação) e da verdade". Educação e verdade cristalizam-se também em Fernando de Azevedo numa identidade essencial. Por isso, qualifica-se de crítico idealista. Percorrendo sua extensíssima obra, suas tentativas muitas vezes frustradas de implantar, na realidade, uma educação nova, dentro de um processo de reconstrução nacional, tem-se a impressão de que suas teorizações e esforços de pensamento se constituem em uma "ação travada".

Vale dizer que é preciso pensar incansavelmente os enigmas que a realidade nos traz: com idéias se constroem o arcabouço teórico de uma ciência, se estabelecem relações lógicas, se criam modelos ideais. Grande intelectual, Fernando de Azevedo não foi apenas um teórico, criador dos "grandes ideais da educação". Meditação voluntariamente buscada e uma exigência obstinada de racionalidade constituem apenas etapas, necessárias e insubstituíveis para a volta ao mundo real. Suas reflexões o levam a constatar a necessidade de uma luta reformista na esfera da educação, de uma radical mudança de mentalidade, uma nova visão de mundo, fundamentada no conhecimento e servindo como instrumento eficaz para uma ação consciente.

Ação travada, também, porque nunca conseguiu concretizar de fato seus planos para uma "revolução copérnica" na esfera da educação. Acreditando numa via democrática para a socialização da educação, não aceita, entretanto, a possibilidade de uma "evolução natural" para que isso se concretize. Estudioso da nossa cultura, percebe que sem uma modificação de mentalidade não haverá uma real transformação da vida social porque, idealisticamente, crê que a cultura é uma forma de ser que determina em aspectos fundamentais a consciência. Daí a sua ênfase na necessidade da organização da cultura - e a universidade ocupará para

Fernando de Azevedo um espaço fundamental - com vistas à intervenção no desenvolvimento político e econômico.

Percebe-se, entretanto, no decorrer de seu pensamento, uma oscilação entre a idéia da necessidade de uma prática de liberdade e um autoritarismo que qualificaríamos de progressista. Nisso, ele certamente se enquadra na tradição autoritária brasileira, não tendo sido insensível à pregação de um Estado forte, ou seja, de um Executivo forte, como solução para os problemas do Brasil, embora aceitando o princípio da autonomia para os Poderes Judiciário e Legislativo.

A inquietação permanente diante dos problemas e suas soluções, entretanto, compensou o autoritarismo imanente à sua personalidade e ao seu tempo. Este tufão lúcido buscava a luz permanentemente. Tateando, tentando ultrapassar o presente, desejando realizar, agora, pela ação, um futuro ideal.

Duas linhas parecem confluir para a formação de sua personalidade e não pouco contribuíram para isso sua experiência pessoal de vida e obstinada reflexão: a via ética e a via da razão. Ambas não absolutas, situadas na concretude de uma existência histórica contraditória, ambígua, mas nem por isso formas menos acertadas de um agir responsável. No cenário brasileiro, aliás, excluindo evidentemente os meros burocratas, que grande educador não é figura controvertida?

Se Paul Valéry acerta, ao dizer que criar sem dificuldades e criticar sem medida é um jogo perigoso, por nos levar inevitavelmente ao desconhecimento, tentou-se, ao elaborar esta monografia, não cair nessa armadilha. Nosso intuito foi tentar compreender um homem suas idéias, num contexto histórico extremamente complexo e que até hoje surpreende os estudiosos.

O método empregado derivou-se exclusivamente dos problemas que o pensamento de Fernando de Azevedo parece levantar. Por isso, optou-se pela reflexão e crítica, instrumentalizando-se as citações e pontuando-as com algumas observações e indagações. Comentar criticamente, entretanto, não significa apenas apontar falhas, julgar. Significa debater, questionar, mantendo o respeito pelo

objeto da crítica, não por subserviência, mas porque há sempre uma parcela de verdade no objeto criticado. A atitude filosófica adequada, nesse caso, seria, parafraseando, Wittgenstein, a de elaborar e pensar os problemas como problemas e não como doenças.*

* PENNA, Maria Luiza. Fernando de Azevedo; educação e transformação. São Paulo: Perspectiva, 1987. 213p.